

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM TEOLOGIA BÍBLICA

HILDA SABBAG CUNHA
MÁRIO SÉRGIO SABBAG CUNHA
TERESA CRISTINA SABBAG CUNHA

A SAGRADA ESCRITURA, TRADIÇÃO E MAGISTÉRIO DA IGREJA NA
TRANSMISSÃO DA FÉ NA CATEQUESE DE CRISMA

ANÁPOLIS/GO

2018

HILDA SABBAG CUNHA
MÁRIO SÉRGIO SABBAG CUNHA
TERESA CRISTINA SABBAG CUNHA

A SAGRADA ESCRITURA, TRADIÇÃO E MAGISTÉRIO DA IGREJA NA
TRANSMISSÃO DA FÉ NA CATEQUESE DE CRISMA

TCC apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para aprovação no curso de Especialização em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof. Dr. Fr. Flávio Noleto.

ANÁPOLIS/GO

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

HILDA SABBAG CUNHA
MÁRIO SÉRGIO SABBAG CUNHA
TERESA CRISTINA SABBAG CUNHA

A SAGRADA ESCRITURA, TRADIÇÃO E MAGISTÉRIO DA IGREJA NA
TRANSMISSÃO DA FÉ NA CATEQUESE DE CRISMA

TCC apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para aprovação no curso de Especialização em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof. Dr. Fr. Flávio.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fr. Flávio Noleto

ORIENTADOR

Prof. Dr. Pe. Françoá Costa

CONVIDADO

RESUMO

Este trabalho destaca a importância da livre adesão à Fé Católica tendo como fundamentos a Sagrada Escritura, Sagrada Tradição e Sagrado Magistério. O trabalho é voltado para a catequese de crisma. Os catequizandos devem adquirir o conhecimento da Escritura, Tradição e Magistério para poderem abraçar a fé revelada em sua totalidade por Jesus Cristo e guardada pelo Magistério da Igreja de forma escrita e oral. Essa adesão deve ser com o uso da inteligência através da livre vontade. A Bíblia deve ser mais usada pelo cristão católico e isso começa na catequese. A Tradição deve ser mais estudada. O Magistério deve ser respeitado. A Fé deve ser formada. A catequese de crisma deve formar soldados de Jesus Cristo que desejam a vida eterna e que querem evangelizar com a sua própria vida. Somente estudando o Magistério, Tradição e Escritura que o crismando vai ter conhecimento suficiente para poder aderir à fé católica.

Palavras-chaves: Catequese. Crisma. Sagrada Escritura. Sagrado Magistério. Sagrada Tradição. Fé.

ABSTRACT

This work highlights the importance of free adherence to the Catholic Faith based on Sacred Scripture, Sacred Tradition and Sacred Magisterium. The work is focused on chrism catechism. The catechizers must acquire the knowledge of Scripture, Tradition and Magisterium in order to embrace the faith revealed in its totality by Jesus Christ and guarded by the Magisterium of the Church in written and oral form. Such adherence should be with the use of intelligence through free will. The Bible should be more used by the Catholic Christian and this begins in catechesis. Tradition must be studied more. The Magisterium must be respected. Faith must be formed. Catechism of chrism should form soldiers of Jesus Christ who desire eternal life and who want to evangelize with their own lives. Only by studying the Magisterium, Tradition and Scripture that the believer will have enough knowledge to be able to adhere to the Catholic faith.

Keywords: Catechesis. Chrism. Sacred Scripture. Sacred Magisterium. Sacred Tradition. Faith.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	<i>Ad Gentes</i>
CDC	Código de Direito Canônico
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CT	<i>Catechesi Tradendae</i>
DV	<i>Dei Verbum</i>
FD	<i>Fidei Depositum</i>
LF	<i>Lumen Fidei</i>
SC	<i>Satis Cognitum</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	A FÉ COMO ADESÃO DO HOMEM A DEUS	9
3	A SAGRADA ESCRITURA NA CATEQUESE DE CRISMA	15
4	A TRADIÇÃO E O MAGISTÉRIO DA IGREJA NO SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO	20
	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Já diz o CIC que “a fé é necessária à Salvação.” (CIC 183). Esta fé é apresentada aos catequizandos que participam da preparação para receber o Sacramento da Crisma. Para conhecer a fé revelada por Jesus Cristo e ter a livre opção de aderir a ela, precisa-se aprender tanto sobre a Sagrada Tradição, Sagrada Escritura e Sagrado Magistério.

A catequese de crisma precisa se fundamentar na fé católica revelada por Jesus Cristo e guardada pelo Magistério da Igreja. O depósito da fé compreende a revelação oral (Tradição) e a revelação escrita (Bíblia).

Os cristãos católicos, de uma forma geral, não demonstram conhecimento bíblico, nem da Tradição da Igreja e nem do Magistério da Igreja que guarda o depósito da fé ao longo de séculos.

Este trabalho mostra que é importante conservar viva a Tradição da Igreja e obedecer ao seu Magistério. Também é importante ler a Palavra de Deus. O trabalho também destaca a importância da livre adesão à Fé Católica tendo como fundamentos a Sagrada Escritura, Sagrada Tradição e Sagrado Magistério.

Além disso, a Fé racional baseada na inteligência e na vontade deve ser o fundamento da catequese.

“‘Crer’ é um ato eclesial. A fé da Igreja precede, gera, tenta e alimenta nossa fé. A Igreja é a mãe de todos os crentes. ‘Ninguém pode ter a Deus por Pai, que não tenha a Igreja por mãe’” (CIC 181).

2 A FÉ COMO ADESÃO DO HOMEM A DEUS

Deus se revelou por amor e se doou ao homem. Muitos foram testemunhas disso. Os testemunhos foram passados de duas formas: oral e escrita. A Sagrada Tradição é a revelação oral e a Sagrada Escritura a revelação escrita. Isso é chamado de “Depósito da Fé” que foi guardado ao longo de anos pelo Sagrado Magistério. A fé católica então se apoia em um tripé sagrado: Tradição, Escritura e Magistério. Isto é relatado na Constituição Apostólica FD do Sumo Pontífice João Paulo II logo na sua introdução:

Guardar o Depósito da Fé é missão que o Senhor confiou à sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos. O Concílio Ecumênico Vaticano II, inaugurado há trinta anos pelo meu predecessor João XXIII, de feliz memória, tinha como intenção e como finalidade pôr em evidência a missão apostólica e pastoral da Igreja, e, fazendo resplandecer a verdade do Evangelho, levar todos os homens a procurarem e acolherem o amor de Cristo que excede toda a ciência (cf. Ef 3,19) (JOÃO PAULO II, 1992, n.p.).

O CIC também fala sobre isso:

“O patrimônio sagrado” da fé (“*depositum fidei*”), contido na Sagrada Tradição e na Sagrada Escritura, foi confiado pelos apóstolos à totalidade da Igreja. “Apegando-se firmemente ao mesmo, o povo santo todo, unido a seus Pastores, persevera continuamente na doutrina dos apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações, de sorte que na conservação, no exercício e na profissão da fé transmitida se crie uma singular unidade de espírito entre os bispos e os fiéis” (CIC 84).

O ensino da fé na catequese de crisma deve partir desse ponto fundamental, sempre deixando que prevaleça a liberdade de cada catequizando por abraçar a fé ou não, observando o diz o CDC: “Jamais é lícito a alguém levar os homens a abraçar a fé católica por coação, contra a própria consciência” (CDC 748).

A partir de uma livre escolha por abraçar a fé católica, o CIC se torna o guia universal da fé de todo católico. Conforme a Constituição Apostólica FD, o CIC pode ser chamado de “sinfonia” da fé:

É justo afirmar que este Catecismo é o fruto de uma colaboração de todo o Episcopado da Igreja Católica, o qual acolheu com generosidade o meu convite a assumir a própria parte de responsabilidade numa iniciativa que diz respeito, intimamente, à vida eclesial. Tal resposta suscita em mim um profundo sentimento de alegria, porque o concurso de tantas vozes exprime verdadeiramente aquela a que se pode chamar a “sinfonia” da fé. A realização deste Catecismo reflete, deste modo, a natureza colegial do Episcopado: testemunha a catolicidade da Igreja (JOÃO PAULO II, 1992, n.p.).

Observa-se uma profunda ligação entre fé e catequese, visto que o CIC 4 diz que catequese é um esforço para fazer discípulos de Jesus, e que por meio da fé

possam ter a vida em nome Dele para construir o Corpo de Cristo. Já o CIC 5 mostra que a catequese é uma educação da fé de pessoas de todas as idades, onde a doutrina cristã é ensinada da forma sistemática para que essas pessoas possam ser iniciadas de forma plena na vida cristã. E o CIC 6 diz ainda que a fé é suscitada através do primeiro anúncio do Evangelho.

A abertura da primeira seção da primeira parte do CIC, intitulada “Eu creio” - “Nós cremos”, destaca que:

Quando professamos nossa fé, começamos dizendo: "Eu creio" ou "Nós cremos". Por isso, antes de expor a fé da Igreja tal como é confessada no Credo, celebrada na Liturgia, vivida na prática dos Mandamentos e na oração, perguntamo-nos o que significa "crer". A fé é a resposta do homem a Deus que se revela e a ele se doa, trazendo ao mesmo tempo uma luz superabundante ao homem em busca do sentido último de sua vida. Por isso vamos considerar primeiro esta busca do homem (capítulo 1), em seguida a Revelação divina, pela qual Deus se apresenta ao homem (capítulo II), e finalmente a resposta da fé (capítulo III) (CIC 26).

Baseado nisso entendemos então que todo ser humano precisa dar uma resposta a Deus e essa resposta é a própria fé que faz com que a vida tenha sentido pleno. A ordem natural é buscar, conhecer e dar uma resposta. Na catequese a busca leva a pessoa a querer os sacramentos, o conhecimento da fé é passado através de encontros catequéticos e a resposta da fé a pessoa vai dar depois com a sua própria vida. É através da vida que toda pessoa tem a oportunidade de dar uma resposta de fé positiva.

Esta fé vem unicamente de Deus. Mas nunca a teríamos se alguém não a guardasse e a transmitisse. A Igreja em seu Magistério tem essa missão. Graças a essa Igreja temos o livre acesso a conhecer essa fé e fazermos nossa livre opção por ela. Por isso a Igreja é chamada de mãe. E como uma mãe ela educa na fé. Uma mãe elogia, mas também corrige. E assim se manifesta o amor da mãe Igreja por seus filhos que aderem à fé, conforme pode ser observado no CIC 169:

A salvação vem exclusivamente de Deus, mas, por recebermos a vida de fé por meio da Igreja, esta última é nossa mãe: "Nós cremos na Igreja como a mãe de nosso novo nascimento, e não como se ela fosse a autora de nossa salvação". Por ser nossa mãe, a Igreja é também a educadora de nossa fé (CIC 169).

É interessante que essa fé é pessoal, mas não é isolada. Precisamos de outras pessoas porque não se vive sozinho. Seja na vida em família, no trabalho ou na diversão estamos no meio de uma sociedade composta por pessoas. O CIC diz que “ninguém pode crer sozinho, assim como ninguém pode viver sozinho. Ninguém deu

a fé a si mesmo, assim como ninguém deu a vida a si mesmo. O crente recebeu a fé de outros, deve transmiti-la a outros." (CIC 166). Da mesma forma que toda pessoa recebe a vida como um presente dado por alguém, assim é a fé: um presente dado por alguém que nos quer muito bem. É muito bonito pensar na fé dessa forma, como uma ligação entre pessoas de uma sociedade. Pessoas que têm a mesma fé, mesmos costumes, mesma esperança e mesmo amor. Este amor impulsiona a falar dessa fé e também a viver a fé por acreditar que a vivência desta fé é a melhor forma de se viver neste mundo. Por isso muitos chamam os outros de irmãos, por serem verdadeiros irmãos de uma fé que a mãe Igreja nos dá como a filhos queridos.

A fé é um ato pessoal: a resposta livre do homem à iniciativa de Deus que se revela. Ela não é, porém, um ato isolado. Ninguém pode crer sozinho, assim como ninguém pode viver sozinho. Ninguém deu a fé a si mesmo, assim como ninguém deu a vida a si mesmo. O crente recebeu a fé de outros, deve transmiti-la a outros. Nosso amor por Jesus e pelos homens nos impulsiona a falar a outros de nossa fé. Cada crente é como um elo na grande corrente dos crentes. Não posso crer sem ser carregado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo para carregar a fé dos outros (CIC 166).

Temos na oração do Credo o resumo de toda a fé católica. No Batismo o catecúmeno (ou os que respondem por ele caso seja um bebê por exemplo) pede a fé à Igreja. E é dito que a fé dá a vida eterna.

"Eu creio": esta é a fé da Igreja, professada pessoalmente por todo crente, principalmente pelo batismo. "Nós cremos": esta é a fé da Igreja confessada pelos bispos reunidos em Concílio ou, mais comumente, pela assembleia litúrgica dos crentes. "Eu creio" é também a Igreja, nossa Mãe, que responde a Deus com sua fé e que nos ensina a dizer: "eu creio", "nós cremos". É antes de tudo a Igreja que crê e que desta forma carrega, alimenta e sustenta minha fé. E antes de tudo a Igreja que, em toda parte, confessa o Senhor ("Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia A vós por toda a terra proclama a Santa Igreja", assim cantamos no Te Deum), e com ela e nela também nós somos impulsionados e levados a confessar: "Eu creio", "nos cremos". É por intermédio da Igreja que recebemos a fé e a vida nova no Cristo pelo batismo. No "Ritual Romano", o ministro do batismo pergunta ao catecúmeno: "Que pedes à Igreja de Deus?" E a resposta: "A fé." "E que te dá a fé?" "A vida eterna" (CIC 167-168).

Toda a fé que professamos tem por objetivo nos levar à vida eterna na presença de Deus. E a Igreja diz que a fé já é uma prévia do Céu aqui na Terra. Os que professam a fé católica já vivem um pedaço do Céu. Conseguem ver o quanto a vida eterna é algo bom e importante, o quanto vale a pena sacrificar muita coisa na vida terrena em detrimento da glória futura. O Céu se torna possível para aqueles que guardam a fé transmitida pela Igreja e fazem dela um verdadeiro norte da vida. Afinal esta vida tem um fim, mas a vida eterna não tem fim. Para crer na vida eterna e lutar por ela a fé é fundamental. Quem perde a fé vive essa vida de qualquer jeito e não faz

esforço por um bem maior que é um dia contemplar Deus face a face. "A fé é um antegozo do conhecimento que nos tornará bem-aventurados na vida futura" (CIC 184).

Mas como entender melhor a fé? Como aderir de forma plena à fé? Primeiramente precisamos entender que a fé não depende de ver milagres ou de ter sentimentos religiosos fortes. Fé é algo racional. Sendo racional, depende da inteligência e da vontade. Através do cérebro temos o controle da inteligência e da vontade. Então fé implica em pensar, estudar e escolher quais as melhores vontades. O CIC confirma isso: "A fé é uma adesão pessoal do homem inteiro a Deus que se revela. Ela inclui uma adesão da inteligência e da vontade à Revelação que Deus fez de si mesmo por suas ações e palavras." (CIC 176). Sendo assim, a fé precisa ter raiz. Que tal uma fé com raiz em Jesus Cristo, que é a própria verdade revelada de Deus? Através da Sagrada Tradição, Sagrada Escritura e Sagrado Magistério podemos ter acesso às verdades reveladas pelo próprio Jesus. Com isso chegamos ao centro da catequese que é o próprio Jesus.

Em verdade, em verdade, te digo: falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, porém não acolheis o nosso testemunho. Se não credes quando vos falo das coisas da terra, como creereis quando vos falar das coisas do céu? Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu, o Filho do Homem (Jo 3, 11-13).

Jesus chega até nós pela Tradição viva da Igreja e também pela Sagrada Escritura. A catequese tem que apresentar Jesus, pois na fé católica Jesus é Deus que se fez homem, morreu por nós e ressuscitou. Como completar um ciclo de catequese sem ter um conhecimento mínimo de Jesus Cristo? Como querer viver uma fé e não estar em comunhão com Jesus Cristo e com sua Igreja? Conhecer algo ou alguém significa tomar consciência, indica ter sabedoria. E sabedoria vem de saborear, de sentir o gosto. Então a fé em Jesus que a catequese tem que apresentar é a fé de quem toma gosto por Jesus, de quem saboreia Jesus. E só saboreia Jesus quem vive em comunhão com Ele.

No centro da catequese encontramos essencialmente uma Pessoa, a de Jesus de Nazaré, Filho único do Pai..., que sofreu e morreu por nós e agora, ressuscitado, vive conosco para sempre... Catequizar... é desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza. E procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais realizados por Ele." A finalidade definitiva da catequese é "levar à comunhão com Jesus Cristo: só ele pode conduzir ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar da vida da Santíssima Trindade" (CIC 426).

Lembremos que o próprio Jesus disse que quem o conhece, conhece o Pai: “Diz-lhe Jesus: ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes’” (Jo 14, 7) A doutrina ensinada na catequese é a doutrina que vem de Deus Pai através de seu Filho Jesus.

"Na catequese, é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado - todo o resto está em relação com ele; e somente Cristo ensina; todo outro que ensine, fá-lo na medida em que é seu porta-voz, permitindo a Cristo ensinar por sua boca... Todo catequista deveria poder aplicar a si mesmo a misteriosa palavra de Jesus: 'Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou' (Jo 7,16)" (CIC 427).

Baseado nesta fé, o parágrafo 429 do CIC nos diz que é justamente deste conhecimento amoroso de Cristo que vem o desejo de anunciá-lo, de evangelizar e de levar outros a abraçarem a fé em Jesus Cristo. Mas para isso é preciso conhecer cada vez melhor esta fé. São Tomás de Aquino diz que

“a fé é intermediária entre ciência e opinião. Ora, o intermediário e os extremos são do mesmo gênero. Como a ciência e a opinião versam sobre enunciados, semelhantemente, a fé versa sobre eles. E, assim, o objeto da fé, dado que a fé seja sobre enunciados, é algo complexo” (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 49; Sum. Teol. V, q.1, a.2, da 3).

Sendo assim, se existisse comprovação científica de que Deus existe, por exemplo, não precisaria de fé para acreditar. Mas também a possibilidade de Deus existir de fato não é apenas uma opinião vazia ou invenção sem fundamento algum. A fé faz a ponte entre a opinião e a ciência. Através da fé uma simples opinião vira certeza científica, pois a fé não deixa restar dúvida alguma. “A fé é garantia antecipada do que se espera, a prova de realidades que não se veem” (Hb 11,1).

“Façam este teste: tentem interiorizar o ‘nada’ – o vazio absoluto, que não é uma forma de escuridão, nem um grande espaço vazio – absolutamente nada. Nada, nada, nada! Nem mesmo o pensamento. Só o nada. Calculo que não o consigam fazer! O filósofo Leibniz disse uma vez que, no mundo, só havia uma grande questão para formular: Porque existe alguma coisa em vez do Nada? De facto, aquilo que não conseguimos imaginar – o Nada – é um facto evidente. Seria normal dizermos: Pronto, não existe absolutamente Nada! Chega de conversa! Mas existe qualquer coisa. E disso temos 100% de certeza. E mesmo se existisse apenas um grãozinho de areia, isso seria já uma maravilha inacreditável. O microgrãozinho de areia negaria o Nada. Tem de haver alguém que disse um grande ‘sim’ para que exista alguma coisa em vez do Nada. Nós, cristãos, chamamos Deus a esse ‘alguém’ que criou o Universo a partir do Nada. E afirmamos: Deus é o CRIADOR do mundo” (YOUCAT – preparação para o Crisma, 2013, p. 19).

De acordo com São Tomás de Aquino (2005, p. 53, Sum. Teol. V, q.1, a.4, rep.1) “deve-se dizer que o Apóstolo Tomé viu uma coisa e acreditou noutra. Ele viu

um homem e pela fé confessou a Deus, quando disse: ‘Meu Senhor e meu Deus’”. Então São Tomás de Aquino chega à conclusão de que “é impossível que, do mesmo objeto, o mesmo indivíduo tenha ciência e fé” (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 56; Sum. Teol. V, q.1, a.5).

Ainda de acordo com São Tomás de Aquino (2005, p. 81-86; Sum. Teol. V, q.2, a.6-8) devemos ter uma fé explícita no mistério de Cristo e na Trindade. E acrescenta:

“O próprio crer é um ato intelecto que adere à verdade divina sob a moção da vontade, que Deus move pela graça; desse modo depende do livre-arbítrio e ordena-se para Deus. Logo, o ato de fé pode ser meritório” (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 88; Sum. Teol. V, q.2, a.9, s.c.).

A catequese tem o desafio de formar as pessoas na fé que não se pode provar. Nem todas as pessoas podem crer em Deus, mas somente aquelas que têm a fé formada. O desafio da catequese sempre vai ser o de formar as pessoas na fé que a Igreja transmite desde que Jesus a revelou. Esta fé salva. “Não é da vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca” (Mt 18, 14).

Por fim, vamos a algumas definições de fé:

“A de Agostinho: ‘A fé é uma virtude pela qual cremos o que não vemos’; a de Damasceno é a fé ‘um consentimento sem discussão’; a de outros, que dizem ser a fé ‘uma certeza do espírito sobre objetos ausentes, superior à opinião e inferior à ciência’; corresponde ao que diz o Apóstolo: ‘uma prova das coisas que não se veem’. O que Dionísio diz, a fé é ‘o fundamento permanente dos que creem, que os coloca na verdade e a verdade neles’ é o mesmo que dizer que ela é ‘a substância das coisas que se devem esperar’” (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 98; Sum. Teol. V, q.4, a.1, rep.).

A catequese deve levar então ao hábito da fé, que faz com que a vida eterna comece em nós, como nos diz São Tomás de Aquino: “a fé é o habitus da mente pela qual a vida eterna começa em nós, fazendo o intelecto aderir àquilo que não vê”. (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 98; Sum. Teol. V, q.4, a.1, rep.). A fé é uma atitude de inteligência movida pela vontade.

3 A SAGRADA ESCRITURA NA CATEQUESE DE CRISMA

O termo catequese no Novo Testamento significa dar instrução a respeito da fé. Palavra de origem grega, cuja etimologia é falar em voz alta ou ressoar. O objetivo principal da catequese é fazer escutar e repercutir a Palavra de Deus, acolhê-la e fazer dela a luz que orienta a nossa vida.

Desde a tua infância conheces as Sagradas Letras; elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que todo homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra (2Tm 3, 15-17).

A Bíblia e a Catequese são ligadas entre si por estarem em profunda relação com a Palavra de Deus; a Bíblia é a Palavra de Deus que foi revelada e posta por escrito; a Catequese recebeu da Igreja a missão de ecoar a Palavra de Deus.

Existem várias propostas nos tempos atuais para a Catequese; questiona-se sua eficácia na formação bíblica dos catequizandos.

Nota-se que parte dos fiéis católicos tem pouco conhecimento sobre a Sagrada Escritura, a Liturgia e a Doutrina Católica. O caminho mais fácil para alcançar essas pessoas deveria ser a catequese. Porém, nem sempre é eficaz, devido a várias carências. Assim, discute-se como levar as pessoas ao conhecimento da verdade através da catequese de crisma; qual a melhor forma de usar a Bíblia para fundamentar os dogmas católicos e trazer excelência à essa formação.

A renovação catequética inspirada no Concílio Vaticano II promoveu, através de seus documentos e diretrizes, a revalorização da Bíblia como “o livro da catequese por excelência”. Dessa forma, torna-se necessário o conhecimento, estudo e uso da Bíblia nos encontros catequéticos de preparação para o Sacramento da Crisma. Esse estudo precisa ser capaz de despertar no catequizando o sentido da própria vida.

O conteúdo da catequese vem sofrendo alterações ao longo da História: No tempo dos Apóstolos havia a vivência fraterna na comunidade, celebrada na Eucaristia, pois traduziam na vida a mensagem de Cristo ressuscitado. Os Santos Padres iniciaram por escrito a catequese organizada para a iniciação da vida cristã. Nos séculos V a XV, com a aliança entre o poder civil e eclesiástico, o ambiente cristão estava presente na sociedade, o que foi chamado de cristandade. A partir do século

XVI, com a divisão dos cristãos, passou-se a valorizar a aprendizagem individual com os catecismos inspirados no Concílio de Trento, como o de São Pedro Canísio, em 1555, e o de São Carlos Borromeu, em 1566, e o de São Roberto Bellarmino, em 1597. Era uma época de confusão doutrinal, então o objetivo foi o de apresentar de maneira clara e pedagógica o conjunto dos principais mistérios da fé cristã. O advento da imprensa otimizou este processo com a produção de textos por escrito. A partir do século XX, houve um “redescobrimto da Catequese para a iniciação cristã” (CNBB, 1987, p. 16). A revalorização da Sagrada Escritura, Liturgia e anúncio de Jesus Cristo atingiu seu ápice com a realização do Concílio Vaticano II e subsequentemente com os sínodos e cartas apostólicas que, devido à maior facilidade de comunicação advinda dos tempos modernos, trouxe maior amplitude à Catequese do povo de Deus. Compreender a catequese como educação da fé, atitude existencial da pessoa humana, sem memorização de fórmulas catequéticas. Realizar a recondução da catequese à primeira fonte: a Palavra de Deus escrita na Bíblia.

O Compêndio do Vaticano II, na constituição dogmática DV em seu capítulo VI, número 195, de forma clara, instrui quais devem ser as diretrizes para a evangelização: O Ministério da Palavra, Pregação Pastoral, Catequese e toda a instrução cristã devem “florescer” da Sagrada Escritura. A Palavra de Deus revelada através dos séculos e contida também na Bíblia deve levar ao conhecimento de Cristo e da revelação de Deus que se realiza n’Ele.

E qual o meio usado para o conhecimento de Cristo? A Palavra de Deus, revelada através dos séculos e contida na Sagrada Escritura. Diz S. Jerônimo em sua frase célebre: “ignorar as Escrituras é ignorar o próprio Cristo”.

O CIC afirma que

a preparação para a confirmação deve visar conduzir o cristão a uma união mais íntima com Cristo [...] a fim de poder assumir melhor as responsabilidades apostólicas da vida cristã. Por isso, a catequese da Confirmação se empenhará em despertar o senso de pertença à Igreja de Jesus Cristo [...] (CIC 1309).

A Revelação Divina chega até nós através da Sagrada Escritura dentro da Tradição viva da Igreja recebida dos Apóstolos. O conteúdo da catequese deve ser a única fonte da Revelação Divina, a Sagrada Escritura e os testemunhos da Tradição viva da Igreja que chega a nós pela revelação (CNBB, 1987, p. 16).

Porém ainda existem várias deficiências no ensino da catequese, o que desperta grandes indagações: Os catequistas são mal preparados? Falta-lhes fonte de informação? Há investimento suficiente em preparação, pessoal, material didático por parte das Paróquias?

Pode-se perceber que muitos católicos crismados e que pertencem à Igreja têm pouco conhecimento acerca das verdades bíblicas. O cristão deve mostrar a alegria de viver o Evangelho, deve dar testemunho de sua fé. Através de uma boa catequese, os cristãos deveriam meditar a Palavra de Deus na oração pessoal, atualizá-la na oração litúrgica e interiorizá-la em todo o tempo a fim de produzir o fruto em uma vida nova. Através dos ensinamentos catequéticos, a piedade popular deveria ser discernida e educada (CIC 2688).

Por isso, o ensino catequético que não atinge todas as pessoas, que tenha interpretações duvidosas, publicações questionáveis nos aspectos doutrinário e metodológico são questionadas. Por vezes há falta de apoio do clero e das famílias. Levar a todos os batizados a oportunidade do conhecimento teológico para que lhes seja possível entender e amar a sua Igreja: este é o desafio.

“É preciso repetir uma vez mais: ninguém na Igreja de Jesus Cristo deveria sentir-se dispensado de receber a catequese” (João Paulo II, 2003, n.p.).

O livro adotado pela diocese de Anápolis/GO para o primeiro ano da crisma possui quatro divisões: Bíblia, Jesus Cristo, Maria Santíssima e Igreja. A Bíblia é o primeiro assunto, tratado em sete encontros. No primeiro encontro é tratado o Antigo Testamento; no segundo, os gêneros literários; no terceiro, a História da Salvação no Antigo Testamento; no quarto, os Livros do Antigo Testamento; no quinto, os Mandamentos do Povo de Deus. No sexto encontro, os Evangelhos do Novo Testamento. E no sétimo, os outros livros do Novo Testamento. São praticamente dois meses de estudos bíblicos para depois haver a apresentação de outros assuntos. Ou seja, as Sagradas Escrituras são apresentadas de uma forma bem didática e clara.

A diocese de Tubarão/SC apresenta seu estudo em um livro com oito divisões: A Bíblia, a pessoa humana, a fé cristã, a Igreja, os Sacramentos, o Sacramento da Crisma, Temas de cultivo e Orações. Mais uma vez o início da preparação é com estudo bíblico. Neste caso são dois encontros. No primeiro encontro é tratada A Bíblia:

presença de Deus na história. E no segundo encontro é tratada A Palavra que compromete o homem. São apresentações mais superficiais do tema tratado.

Outras publicações analisadas têm esquemas semelhantes: alguns mais profundamente, outras de forma mais superficial. As dioceses têm despertado cada vez mais a necessidade de investimento em formação e ensino da Catequese dada sua vital importância para a vida cristã. A Igreja, em toda sua história, desde o tempo dos Apóstolos, Santos Padres, teólogos contemporâneos vêm difundindo a necessidade de uma formação cristã eficaz baseada nas Escrituras para a salvação das almas.

São Francisco de Assis diz que “Ler a Sagrada Escritura é aconselhar-se com Cristo”. (Youcat: preparação para o Crisma, 2013, p. 13).

O Papa Bento XVI escreveu: “Tendes de conhecer a vossa fé como um especialista em tecnologia domina o sistema funcional de um computador. Tendes de a compreender como um bom músico entende uma partitura”. (Youcat: preparação para o Crisma, 2013, p. 13). Assim, aquele que é chamado a “ensinar o Cristo”, deve, portanto, primeiro, conhece-Lo através do que ensina a Sagrada Escritura!

As publicações recentes com aprovação eclesiástica que visam a preparação para o Crisma voltados aos catecúmenos, bem como aos catequistas, são unânimes em reafirmar a importância bíblica em todo o processo de preparação ao Sacramento. Outros temas são muitas vezes vazios de espiritualidade, não permitindo o alcance do objetivo da Catequese, pois os jovens tendem a se interessar mais pelos encontros à medida que percebem suas vidas dentro das Escrituras Não se deve entender a Catequese como um movimento ou pastoral, mas uma dimensão da Igreja.

Revivendo o processo de Catequese dos primeiros cristãos contido principalmente no livro dos Atos dos Apóstolos encontramos a pregação da Palavra de Cristo sob a ação do Espírito Santo como ponto fundamental à conversão. Ou seja, antes que doutrina cristã tivesse sido apresentada por escrito, sua apresentação oral é que levava as pessoas à adesão da fé em Cristo. (At 2,37-42; 4,4;4,33; 6,7; 8,12; 11,20-21; 12,24; 13,42-43; 13,48-49;14,1).

Conforme o CIC,

a transmissão da fé cristã é primeiramente o anúncio de Jesus Cristo, para levar à fé nele”. E, desde o início do Cristianismo, os primeiros discípulos

ardiam do desejo de anunciar Cristo: 'Pois não podemos, nós, deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos' (At 4,20) (CIC 425).

De acordo com Kesting et al.

A Bíblia é a mensagem de Deus dirigida aos homens, mensagem de amor, de libertação, de esperança, de salvação, pois mostra a caminhada da humanidade nas suas lutas, sucessos, fracassos, descobrindo o seu Deus, do contínuo apelo de Deus ao homem e espera dele uma resposta. Nos escritos bíblicos nós vamos encontrar um Deus que acompanhou os homens sempre, embora os homens duvidassem dessa presença e procurassem outros deuses falsos (KESTERING et al., 2001, p. 14).

Realmente toda a Escritura demonstra que Deus caminha com seu Povo! E a Bíblia é transmissão escrita da presença de Deus na História. Por isso, é indispensável seu uso na Catequese! Sendo então a Bíblia “o livro por excelência”, o contato com a Sagrada Escritura favorece a compreensão do Cristo em toda a História da Salvação. O acesso ao conhecimento bíblico na catequese leva ao entendimento da Revelação de Deus.

Diz o Papa Paulo VI no Decreto *Ad Gentes* sobre a formação dos catequistas

...é digna de louvor aquela falange, tão grandemente benemérita da obra missionária entre os povos, os catequistas, homens ou mulheres, que imbuídos do espírito apostólico com ingentes esforços trazem singular e indispensável auxílio à expansão da fé e da Igreja. O Ofício dos catequistas assume máxima importância em nossos dias, de clero tão reduzido diante da tarefa de evangelizar tantas multidões e exercer o ministério pastoral. A formação deles, por conseguinte, deve aperfeiçoar-se e acomodar-se ao progresso cultural de modo que, como eficientes colaboradores dos sacerdotes, possam o melhor possível cumprir com o seu ofício, agravado com novas e maiores obrigações. Portanto, multipliquem-se as escolas diocesanas e regionais em que os futuros catequistas cultivem a doutrina católica, principalmente nas matérias bíblicas e litúrgica, e também o método catequético e a praxe pastoral! Formem-se segundo os costumes de homens cristãos, sempre se esforçando por cultivar a piedade e a santidade da vida. Ademais realizem-se reuniões ou cursos em que os catequistas possam renovar-se de tempos em tempos nas disciplinas e artes úteis ao seu ministério, e possam alimentar e revigorar sua vida espiritual... (PAULO VI, 1965, n.p.)

É importante que o catequista esteja fundamentado em sua fé, conheça e se esforce por viver a Palavra de Deus encontrada na Sagrada Escritura e nos ensinamentos da Tradição! Que o catecumenato seja direcionado a uma preparação pelos Sacramentos e não aos Sacramentos para que a proposta evangelizadora aproxime as pessoas à figura de Jesus afastando o processo de descristianização do mundo atual. Conhecer e transmitir a Verdade a fim de conduzir as pessoas a uma experiência verdadeira com a pessoa de Jesus Cristo, esse é o objetivo!

4 A TRADIÇÃO E O MAGISTÉRIO DA IGREJA NO SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

Se uma pessoa tem um documento importante, ela vai tomar um cuidado especial com aquele documento. Vai guardar em um local seguro, vai zelar por ele. Assim o Magistério da Igreja ao longo de anos guardou o maior tesouro da Igreja Católica: a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura. Pode-se dizer que o Magistério está a serviço da Tradição e da Bíblia.

Conforme consta na Constituição Apostólica *Fidei Depositum*:

Guardar o Depósito da Fé é missão que o Senhor confiou à sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos. O Concílio Ecumênico Vaticano II, inaugurado há trinta anos pelo meu predecessor João XXIII, de feliz memória, tinha como intenção e como finalidade pôr em evidência a missão apostólica e pastoral da Igreja, e, fazendo resplandecer a verdade do Evangelho, levar todos os homens a procurarem e acolherem o amor de Cristo que excede toda a ciência (cf. Ef 3,19) (JOÃO PAULO II, 1992, n.p.).

A Sagrada Tradição e o Sagrado Magistério têm uma importância grande para a catequese de crisma, assim como a Sagrada Escritura. Não podemos desprezar o passado da fé que nos foi transmitido pela Tradição de geração em geração e guardada de forma tão zelosa pelo Magistério da Igreja.

A transmissão da fé, que brilha para as pessoas de todos os lugares, passa também através do eixo do tempo, de geração em geração. Dado que a fé nasce de um encontro que acontece na história e ilumina o nosso caminho no tempo, a mesma deve ser transmitida ao longo dos séculos. É através de uma cadeia ininterrupta de testemunhos que nos chega o rosto de Jesus. Como é possível isto? Como se pode estar seguro de beber no « verdadeiro Jesus » através dos séculos? Se o homem fosse um indivíduo isolado, se quiséssemos partir apenas do « eu » individual, que pretende encontrar em si mesmo a firmeza do seu conhecimento, tal certeza seria impossível; não posso, por mim mesmo, ver aquilo que aconteceu numa época tão distante de mim. Mas, esta não é a única maneira de o homem conhecer; a pessoa vive sempre em relação: provém de outros, pertence a outros, a sua vida torna-se maior no encontro com os outros; o próprio conhecimento e consciência de nós mesmos são de tipo relacional e estão ligados a outros que nos precederam, a começar pelos nossos pais que nos deram a vida e o nome. A própria linguagem, as palavras com que interpretamos a nossa vida e a realidade inteira chegamos através dos outros, conservadas na memória viva de outros; o conhecimento de nós mesmos só é possível quando participamos numa memória mais ampla. O mesmo acontece com a fé, que leva à plenitude o modo humano de entender: o passado da fé, aquele ato de amor de Jesus que gerou no mundo uma vida nova, chega até nós na memória de outros, das testemunhas, guardado vivo naquele sujeito único de memória que é a Igreja; esta é uma Mãe que nos ensina a falar a linguagem da fé. São João insistiu sobre este aspecto no seu Evangelho, unindo conjuntamente fé e memória e associando as duas à ação do Espírito Santo que, como diz Jesus, « há-de recordar-vos tudo » (Jo 14, 26). O Amor, que é o Espírito e que habita na Igreja, mantém unidos entre si todos os tempos e

faz-nos contemporâneos de Jesus, tornando-Se assim o guia do nosso caminho na fé. (FRANCISCO, 2013, n.p.).

Podemos comparar a Igreja Católica com uma família que tem sua história e suas tradições. E de fato é uma família onde seus membros por vezes se chamam de irmãos, se saúdam com a paz de Cristo, participam de grupos pastorais e movimentos sempre em busca do bem comum, cada um com seus dons e talentos oferecidos ao Senhor. Como é bonito perceber os ensinamentos de Jesus Cristo sendo passados de geração em geração. Um catequista já foi catequizando e teve seu próprio catequista, que também já esteve do outro lado... E assim vamos voltando até chegarmos na Mãe de Jesus, primeira catequista. Como é bonito pensar em quantas gerações já se passaram e “Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para sempre!” (Hb 13, 8)

Como sucede em cada família, a Igreja transmite aos seus filhos o conteúdo da sua memória. Como se deve fazer esta transmissão de modo que nada se perca, mas antes que tudo se aprofunde cada vez mais na herança da fé? É através da Tradição Apostólica, conservada na Igreja com a assistência do Espírito Santo, que temos contato vivo com a memória fundadora. E aquilo que foi transmitido pelos Apóstolos, como afirma o Concílio Ecumênico Vaticano II, « abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita ». De fato, a fé tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar, e que o mesmo seja adequado e proporcionado ao que se comunica. Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros. Para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial que põe em jogo a pessoa inteira: corpo e espírito, interioridade e relações. Estes meios são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles, comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias. Por isso, se é verdade que os sacramentos são os sacramentos da fé, há que afirmar também que a fé tem uma estrutura sacramental; o despertar da fé passa pelo despertar de um novo sentido sacramental na vida do homem e na existência cristã, mostrando como o visível e o material se abrem para o mistério do eterno. (FRANCISCO, 2013, n.p.).

A constituição dogmática DV do Concílio Vaticano II, além de assegurar que em Jesus Cristo se consuma toda a revelação de Deus, ainda diz que os Apóstolos pregaram o Evangelho a todos e deixaram os Bispos como seus sucessores dando a eles o ofício de Magistério da Igreja.

Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os

povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma (cfr. 2 Cor. 1,20; 3,16-4,6), mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente, comunicando-lhes assim os dons divinos. Isto foi realizado com fidelidade, tanto pelos Apóstolos que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação. Porém, para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os Bispos como seus sucessores, «entregando-lhes o seu próprio ofício de magistério». Portanto, esta sagrada Tradição e a Sagrada Escritura dos dois Testamentos são como um espelho no qual a Igreja peregrina na terra contempla a Deus, de quem tudo recebe, até ser conduzida a vê-lo face a face tal qual Ele é (cfr. 1 Jo. 3,2) (CONCÍLIO VATICANO II, 2000, p. 125).

A Igreja tem papel fundamental em toda a história na guarda e transmissão da fé. Através de concílios e documentos a fé não só é guardada, mas também transmitida de forma clara a um número maior de pessoas.

Como não havemos de agradecer de todo o coração ao Senhor, neste dia em que podemos oferecer a toda a Igreja, com o título de 'Catecismo da Igreja Católica', este 'texto de referência' para uma catequese renovada nas fontes vivas da fé! (JOÃO PAULO II, 1992, s.p.).

A elaboração do CIC tinha o objetivo de renovar a catequese da Igreja. Todo Católico deveria conhecer bem o CIC. Mas é importante observar que o CIC renova a catequese, mas não muda em nada a revelação feita por Jesus. Muitas pessoas ao longo da história querem mudanças radicais dos ensinamentos da Igreja, mas o Depósito da Fé (Escritura e Tradição) guardado pelo Magistério não muda. Jesus continua dizendo sempre:

Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E poucos são os que o encontram (Mt 7, 13-14).

Em 1Tm 3, 15 diz que a Igreja é coluna e sustentáculo da verdade. Imagina se essa verdade tivesse ficado nas mãos de homens que sempre tiveram doutrinas tão divergentes. Imagina se não tivesse um grupo de pessoas instituídas pelo próprio Jesus como Apóstolos e seus respectivos sucessores para guardar a fé transmitida por Cristo.

Como haveria de suceder isto unicamente com os apóstolos, cuja condição de homens lhes sujeitavam à lei suprema da morte? A Providência divina havia, pois, determinado que o Magistério instituído por Jesus Cristo não estaria restringido aos limites da vida dos apóstolos, mas que duraria sempre (Leão XIII, 1896, n.p.).

O Papa Leão XIII fala que “se a doutrina celestial de Jesus Cristo, ainda que em grande parte esteja consignada em livros inspirados por Deus, houvesse sido entregue aos pensamentos dos homens não poderia por si mesma unir aos espíritos” (Leão XIII, 1896, sem paginação; SC). É o que aconteceu com o protestantismo de Martinho Lutero que confiada aos pensamentos dos homens se dividiu em tantas ramificações cada uma com doutrinas tão diferentes umas das outras que são religiões completamente diferentes. A Igreja Católica, porém, conserva aquilo que o Credo Niceno-Constantinopolitano afirma: “Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica”. O Papa Leão XIII diz ainda na sua Carta Encíclica *Satis Cognitum* n. 7 que

O Magistério é o eco da voz do Divino Mestre que continuamente fala aos homens e que faz ouvir através da Igreja. E por isso, Nosso Senhor a fundou e a conservou: para transmitir-lhe a continuação da mesma missão que Ele recebeu de Deus Pai.

Não podemos esquecer o que São Paulo diz em 1Tm 2, 3-4: “Eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade”. Aqui se manifesta claramente que a vontade de Deus é a salvação de todos através do conhecimento da verdade em um mundo cheio de mentiras. A catequese existe para cumprir seu papel de ajudar com que todos cheguem ao conhecimento da verdade. A partir do conhecimento da verdade por todos, o livre-arbítrio de cada ser humano passa a escolher entre abraçar a fé que leva a essa salvação ou não. Quando o Católico pensa no tripé formado pelo Magistério, Tradição e Escritura, ele tem a certeza de conhecer a verdade revelada que conduz à salvação, tendo a oportunidade de abraçar essa fé com convicção.

O Magistério da Igreja empenha plenamente a autoridade que recebeu de Cristo quando define dogmas, isto é, quando, utilizando uma forma que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, propõe verdades contidas na Revelação divina ou verdades que com estas têm uma conexão necessária (CIC 88).

Muitos santos católicos falaram sobre o Magistério da Igreja. São Josemaria Escrivá de Balaguer disse: “A fé é a humildade da razão, que renuncia ao seu próprio critério e se prostra diante dos juízos e da autoridade da Igreja” (AQUINO, 2003, p. 43). Um verdadeiro santo se curva diante da Igreja fundada por Jesus Cristo. Um catequista não fala o que quer da forma que quer, mas fala o que a autoridade da Igreja diz, pois a catequese não é a transmissão de ideias pessoais de ninguém, e sim a transmissão das verdades guardadas pelo Magistério da Igreja. São Josemaria

Escrivá diz ainda que “os que não querem entender que a fé exige serviço à Igreja e às almas, cedo ou tarde invertem os termos, e acabam por servir-se da Igreja e das almas, para os seus fins pessoais” (AQUINO, 2003, p. 46). São Francisco de Assis falou que nos sacerdotes ele via o Filho de Deus (AQUINO, 2003, p. 99). O santo de Assis ainda menciona que “nenhum dos irmãos pregue contra a forma e a doutrina da santa Igreja” e também cita que se algum irmão de sua ordem por palavras ou atos se afastar da vida e fé católica “seja definitivamente expulso de nossa fraternidade” (AQUINO, 2003, p. 101).

A Tradição também faz parte do escrito dos Santos Padres:

São Gregório de Nissa (†394): “Se um problema é desproporcional ao nosso raciocínio, o nosso dever é permanecer bem firmes e irremovíveis na tradição, que recebemos da sucessão dos Padres” (*Quod non sint três dii*, MG 45, 117). São Vicente de Lerins (†450), combatente da heresia pelagiana: “Perguntando eu com toda atenção e diligência a numerosos varões, eminentes em santidade e doutrina, que norma poderia achar, segura, enquanto possível genérica e regular, para distinguir a verdade da fé católica da falsidade da heresia, eis a resposta constante de todos eles: quem quiser descobrir as fraudes dos hereges nascentes, evitar seus laços e permanecer sadio e íntegro na fé, há de resguardá-la, sob o auxílio divino duplamente: primeiro com a autoridade da lei divina, e segundo, com a Tradição da Igreja Católica” (*Commonitorium*). (AQUINO, 2011, p. 48).

Concluimos então que o Magistério nos guardou o depósito da fé. A Sagrada Escritura é chamada de Tradição escrita, e a Sagrada Tradição chamada de Tradição oral. Esta Tradição é perpetuada pela Igreja na sua doutrina, vida e culto. Temos uma Tradição na Igreja Católica que é ignorada por várias outras religiões cristãs como se ela não tivesse sido fundamental inclusive para a definição do cânon da Sagrada Escritura.

E assim, a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se, por uma sucessão contínua, até à consumação dos tempos. Por isso, os Apóstolos, transmitindo o que eles mesmos receberam, advertem os fiéis a que observem as tradições que tinham aprendido quer por palavras quer por escrito (cfr. 2 Tess. 2,15), e a que lutem pela fé recebida de uma vez para sempre (cfr. Jud. 3). Ora, o que foi transmitido pelos Apóstolos, abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita (CONCÍLIO VATICANO II, 2000, p. 126).

Não tem como separar Tradição e Escritura, pois ambas vêm da mesma fonte divina. Tradição e Escritura estão sempre ligadas e devem igualmente ser reverenciadas. A Tradição deve ser conservada, exposta e difundida fielmente.

A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma

fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência (CONCÍLIO VATICANO II, 2000, p. 127).

“Portanto, irmãos, ficai firmes; guardai as tradições que vos ensinamos oralmente ou por escrito”. (2 Ts 2, 15). A própria Bíblia nos mostra que a Sagrada Tradição oral existe e que deve ser tão guardada quanto a Tradição escrita que é a Sagrada Escritura.

A Igreja Católica não é uma religião de livro, ou seja, não é a religião da Bíblia. Afinal Jesus não era interpretado a partir do livro, mas o livro era interpretado a partir de Jesus. Por isso a Igreja tem uma regra de fé (*Regula Fidei*) que interpreta a Escritura. Pode-se dizer, então, que a Igreja não se baseia na Bíblia, a Bíblia que se baseia na Igreja.

Todavia, a fé cristã não é uma "religião do Livro". O Cristianismo é a religião da "Palavra" de Deus, "não de uma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo". Para que as Escrituras não permaneçam letra morta, é preciso que Cristo, Palavra eterna de Deus vivo, pelo Espírito Santo nos "abra o espírito à compreensão das Escrituras" (CIC 108).

Tudo que está na Bíblia é verdade, mas nem toda a verdade está na Bíblia. A Igreja Católica é anterior ao Novo Testamento e foi ela que formou o cânon do Antigo Testamento. Como aceitar a existência da Sagrada Escritura e negar a Sagrada Tradição e Sagrado Magistério que a geraram? Como aceitar a existência da fruta e negar a árvore que a gerou?

A catequese deve apresentar ao catequizando e se sustentar sempre nesses três pilares, que são o Sagrado Magistério, Sagrada Tradição e Sagrada Escritura. Sem isso, a fé apresentada pode ser uma fé vazia e suscetível a erros. Sem esse apoio completo, os cristãos não conseguem criar uma raiz profunda na verdade revelada por Deus ao longo dos tempos.

CONCLUSÃO

A catequese de crisma deve sempre estar fundamentada nos três pilares da fé católica que são o Magistério, Tradição e Bíblia. A catequese não pode deixar de mostrar as verdades da fé, sejam aquelas reveladas de forma oral ou escrita. A opção do catequizando de aderir à fé deve ser sempre com liberdade de escolha. Porém é com a inteligência dada por Deus que se aprende todo o depósito da fé. E é a mesma inteligência que governa a vontade de seguir ou não a Jesus Cristo.

Sagrada Tradição, Sagrada Escritura e Sagrado Magistério estão unidos e um deles sem os outros não tem consistência. Os três são necessários pra principal finalidade da vida humana: salvar almas. A Fé é necessária para isso e o ser humano é livre pra dar sua resposta a Deus, o que é chamado de obediência da fé.

A Fé deve ser formada. A Bíblia deve ser mais usada. A Tradição deve ser mais estudada. O Magistério deve ser respeitado. Tudo isso começa na catequese. A catequese de crisma deve formar soldados de Jesus Cristo que usem sua inteligência para ter a vontade de gozar a vida eterna contemplando Deus face a face.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **Ensinamentos dos Santos**. São Paulo: Cléofas, 2003.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **A Sagrada Tradição**. 7 ed. São Paulo: Cléofas, 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CÓDIGO de Direito Canônico. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese renovada - Orientações e conteúdo**. São Paulo: Paulinas, 1987. (Documento 26).

CRISMA – O Sacramento da decisão. Roteiro Catequético para a Crisma. Diocese de Tubarão/SC. 32 ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2001.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Lumen Fidei***. Vaticano: 2013.

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html>. Acesso em: 11 nov. 2018.

JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica *Fidei Depositum***. Vaticano: 1992.

Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum.html>.

Acesso em: 11 nov. 2018.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae***. Vaticano: 1979.

Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html>.

Acesso em: 11 nov. 2018.

KESTERING, Pe. Juventino; SPRÍCIGO, Pe. Daniel; ROHLING, Pe. Celso S.;

FELDHAUS, Ir. Natália; SCHÜLTER, Ir. Vanilda. **Crisma, o sacramento da decisão**. Roteiro catequético para a crisma. 32 ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2001.

LEÃO XIII. **Carta Encíclica *Satis Cognitum***. Vaticano: 1895. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_29061896_satis-cognitum.html>. Acesso em: 11 nov. 2018.

PAULO VI. **Decreto *Ad Gentes***. Vaticano: 1965. Disponível em:
<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html >. Acesso em: 11 nov. 2018.

PREPARAÇÃO PARA A CRISMA. Diocese de Anápolis. Departamento Diocesano de Catequese. Cidade Ocidental. Edições Kolbe, 1991.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**: volume 5. São Paulo: Loyola, 2004.

YOUCAT - preparação para o Crisma. Guia. Org.: Nils Baer. 2 ed. São Paulo: Paulus Editora, 2013.